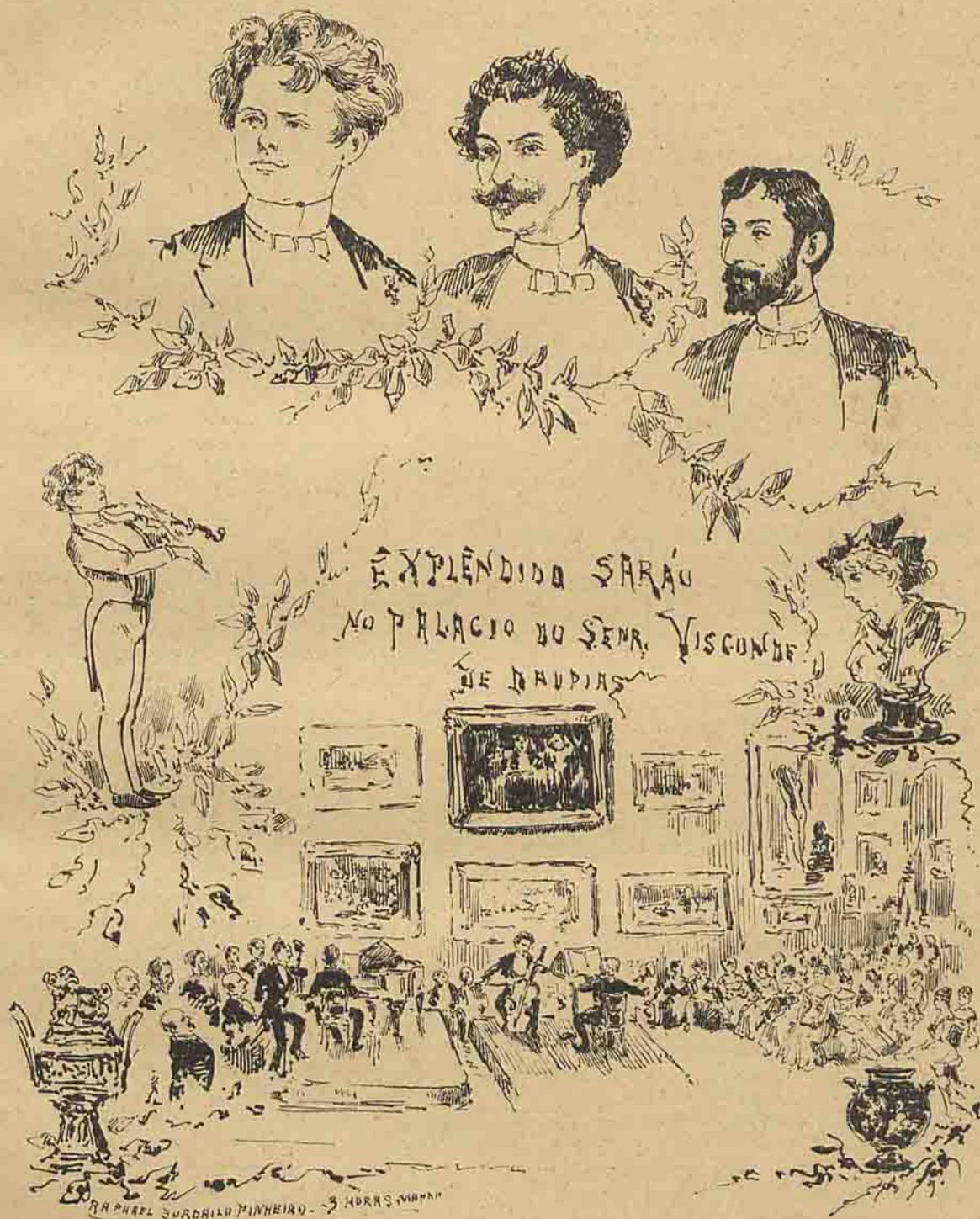


OS NOTAVEIS CONCERTISTAS GREGOROWITCH, RUBIO E VALLEJOS



O publico de Lisboa terá na proxima noite de 10, no salão da Trindade, occasião de satisfazer o natural empenho que todos sentem de apreciar a magistral execução artistica d'aquelles magnificos concertistas, cuja presença na capital devemos ao sr. Visconde de Daupias, um visconde de bom gosto, que permite estes caprichos de principe Russo, com o que a arte, aliás, sempre lucra alguma coisa.

CHRONICA

Salta á vista que, se o governo propoz o donativo dos cem contos e o augmento da dotação do principe, e porque isso se tornava indispensavel para o casamento do citado joven.

Por conseguinte, a questão tinha as mesmas proporções d'aquelle incidente do conto da machadinha: «ou cortar as pernas á mula ou a cabeça á noiva...»

Se as camaras não votam a proposta do governo, era uma vez um casamento, e ahí ficava a princeza Amelia, como noiva, na mesma situação das cautellas de palpito: *regeitada por um militar*.

Cortava-se a cabeça á noiva... Isto era uma barbaridade sem nome; tanto mais que o expediente de cortar as pernas á mula não representava sacrificio superior a 25 réis, por cabeça de contribuinte.

Para deixar felizes duas pessoas que se amam, basta cada cidadão fazer de conta que deitou uma carta trivial na caixa do correio.

E ainda faz a economia do cuspo com que havia de pegar a estampilha...

Olha lá a grande coisa, vir um principe — de sangue — pedir-nos 25 para realisar uma aspiração que corre mesmo nas veias das creaturas mais lymphaticas: — o hymeneu!

E em que vivemos nós, senão n'uma terra de pedintes?

Temos o mendigo, que nos pede dez réis, dando-nos em troca um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Temos o beneficiado, que nos pede cinco tostões, offercendo-nos em paga uma estopada em cinco actos.

Temos o vadio, que nos pede o relógio, cambiando-nos em volta uma fachada na barriga.

Temos o governo, que nos pede a camisa, promettendo-nos em troca uma *bichinha gata* da guarda municipal.

Assim, não é muito que tenhamos tambem um principe que nos peça 25 réis, dando-nos em compensação quem sabe lá se igual numero de futuros reis...

Quanto ao ponto de ter partido do sr. ministro da fazenda a iniciativa d'esse projecto — que representa para o paiz uma sangria tão pequena que não chega a caber a cada cidadão uma picada de alfinete de freira — tambem não vemos nada de extraordinario...

E' certo que o sr. Marianno começou a sua carreira politica, dizendo da real pessoa o Mafona fava não se lembrou dizer do toicinho... Mas então que querem?

«Correram tempos transformou-se a gloria.»

E, quando a gloria, que é immortal, chega a transformar-se, não é muito que succeda o mesmo ao sr. Marianno de Carvalho.

E, depois, não foi elle que se transformou por sua alta recreação: foi o remorso que, pouco a pouco, o foi metamorphoseando — como a natureza, segundo Darwin metamorphoseou o chimpanzé das selvas n'esta formosura do elegante da Avenida que se está vendo...

Quando Marianno Cyrillo sahia do *Diario Popular*, com o *fura-bolos*, o *pae de todos* e o *mata-pollo*,

ainda manchados da tinta preta com que momentos antes havia atirado para o artigo de fundo o real manto e a popular albarda, o remorso esperava-o no largo de S. Roque, ao pé da Santa Casa da Misericordia, e



d'ahí até casa d'elle, Marianno, nunca mais tinha d'aquella Santa Casa, para com elle Cyrillo, como diria o semsaborão do Mendonça e Costa.

Acompanhava-o até á porta; entrava com elle nos aposentos, mettia-se com elle dentro da cama e ahí começava o desapiedado do remorso a roer lá por dentro do Marianno, a roer, a roer, com tanta persistencia

Que até se espalhou boato
— Com fundamento, já vejo —
Que o tal remorso era um rato
E o Marianno era um queijo...

Como se sabe, o sr. José Luciano de Castro está na mesma situação em que esteve ha pouco o sr. marquez de Vallada.

Explicuemo-nos quanto antes, para resalvar os creditos do illustre presidente do conselho...

S. ex.^a tem mettida em si a mesma coisa que o sr. marquez tambem teve por occasião da controversia de Braga e Guimarães: uma rolha.

«Dize-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens», considera o proloquio popular.

Ora o sr. presidente do conselho está lidando muito de perto com o seu collega da marinha. D'ahí, nada mais natural de que apanhar-lhe, não diremos a manha, mas o sestro da raposeira chronica.

Os primeiros symptomas d'esta terrivel enfermidade manifestou-os s. ex.^a ha coisa de quinze dias, quando o sr. marquez de Vallada discursou sobre emigração e contrabando de tabaco e o sr. José Luciano respondeu a proposito da questão d'um bispo e da falsificação de vinhos do Porto.

Desde esse dia, o sr. ministro da fazenda, que continua a ser — apesar de trabalhar a descoberto — o poder occulto do partido progressista, impoz-lhe peremptoriamente a applicação da rolha.

— Menos essa! protestou o sr. José Luciano; é uma coisa que já serviu ao marquez de Vallada... Não quero isso cá na minha bocca.

E cuspiu muito enjoado, como um pequeno mentiroso a quem houvessem deitado pimenta na lingua.

Reunido o conselho de ministros, para resolver sobre se a rolha devia ser ou não applicada ao seu illustre presidente, chegaram ao seguinte accordo, para contentar todas as exigencias: a lingua de s. ex.^a teria liberdade de acção, esta porém circumscripta á fiscalização do sr. Marianno de Carvalho.

Estabeleceu-se que, sempre que o sr. José Luciano

dissesse asneira, o sr. Mariano coçaria o nariz, devendo o orador, n'este caso, pôr ponto no discurso, ou, pelo menos, mudar immediatamente de conversa.

Isto combinado, nunca mais o nariz do sr. ministro da fazenda teve um momento de descanso!

Era uma coçansa tão continuada e tão phrênética que alguns dignos pares e meretíssimos deputados chegaram a aconselhar o sr. Marianno a que trouxesse uma imagem de S. Lazaro pegada com obreia em cima do bigode, porque aquillo era volta de sarna que lhe tinha dado na *batata*...



Em vista d'isto, o sr. ministro da justiça offereceu generosamente a sua pença, para o sr. Marianno coçar n'ella, sempre que se torne necessario fazer ao sr. presidente do conselho o signal convencionado.



Só nos falta ver o sr. José Luciano abrir tantas vezes a bocca que termine por dar cabo d'aquella pença, á primeira vista inexgotavel...

E não duvidamos que tal succeda, porque o sr. presidente do conselho tem folego para muito mais...

Quanto ao nariz do sr. Marianno desapareceu de todo, existindo agora apenas um buraco por onde se podem espreitar, como nos ciclorammas, os miolos de s. ex.ª



Parece que o illustre polemista vae applicar a esse orificio um vidro de augmentar—o que, depois da sua ascensão ao poder, talvez não venha fóra de proposito...

PAN-TARANTULA.

A PROPOSITO DA PATTI

(Apontamentos soltos)

A *diva* apaixonou-se doidamente pelo sitio de Queluz. Frequenta mais aquelle logar ermo e semsaborão de que os empregados publicos frequentam as secretarias, por igual semsaboronas e ermas.

Nicolini já deve estar com a pedra no sapato receioso de que a *diva* promova acção de desquite, mesmo antes de lhe dar a mão de esposa, passando a casar em terceiros nupcias com o palacio de Queluz.

Não lhe daremos os parabens, porque, alem de velho, não está nada bem conservado...

Alem das recitas annunciadas, Adélina Patti dará mais uma, por conta do governo, na cadeia do Limoeiro.

A *diva* apresentar-se-ha ornamentada com todos os seus brilhantes, visto que esta recita tem por fim castigar alguns presos incorrigiveis, applicando-lhes uma nova forma do supplicio de Tantaló.



Em vista do convite dirigido pela Patti ao nosso sympathico collega Gervasio Lobato, para ir pescar salmões ao seu *chateau*, os reporters dos jornaes sentiram crescer agua na bocca e saltar-lhe o pé para a pesca do saboroso peixe, de forma que andam todos de roda da *diva* a fazer ensaios da pesca do salmão.



Todos, excepto um, que não pôde fazer ensaios por falta de aviamentos.



CIGARRILHA



—Dá 4 contos para os festejos de Camões?...
—Cigarrilha?... No hay!...



—Dá 20 contos para uns benemeritos que honraram Portugal?...
Cigarrilha?... No hay



—Dá uma pensãozinha a um grande artista quasi impossibilitado?...
—Cigarrilha?... No hay...



EL PRIMERO GRACIOSO DE LA COMPANIA



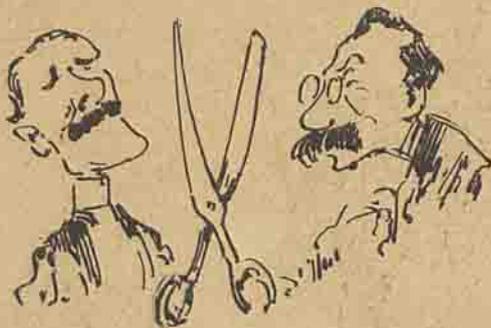
—Dá alguma coisa para a cêra do bebé?...
—Cigarrilha... hay!
—Ay! ay! ay! ay! ay! ay! digo eu, que me arde o pello...

MARCEL BORDALO M. VAREIRO

Adelina Patti mostrou desejos de comprar o palacio de Queluz, como já mostrara também desejos de comprar o palacio de Cintra.

Não lhe appetece senão aquillo que se não pode vender.

Se a *diva* tem effectivamente muito empenho em adquirir alguma coisa portugueza de verdadeiro merecimento, compre-nos o sr. Fontes e o sr. José Luciano e leve esse formoso cazal a fazer criação no galinheiro do seu *chateau*.



Por ser para quem é, vendemos-lh'o muito em conta e olhe que não se hade arrepender. São muito eguaes, muito mansos e uma lata de graxa chega para os dois durante quinze dias.



FABULAS DE LA FONTAINE



David Corazzi, esse famoso editor do mais aprimorado gosto, que tem enchido as nossas salas, ainda as mais modestas, de formosissimos livros, tão elegantes na fórma como valiosos na essencia; esse benemerito monomaniaco de livraria, que passa a vida a pensar em volumes, que come com paginas, que dorme com cadernetas, que sonha com fasciculos, acaba de anunciar mais uma publicação verdadeiramente extraordinaria, tal como as inimitaveis *Fabulas de La Fontaine*, traduzidas pelos nossos primeiros poetas, illustradas por Gustavo Doré e impressas, finalmente, em Paris, sob a direcção de Eduardo Garrido e Marianno Pina!

Depois de completa esta obra, d'um valor inestimavel, terá custado aos assignantes um preço relativamente iusignificante, e dispendido em parcelas diminutas de dois tostões!

CASOS, TYPOS E COSTUMES

A CONQUISTA

Vae um *chic*, o gentil do Sarmento,
Desde o todo á mais leve minucia;
Desde o quico de feltro cinzento,
Aos sapatos de coiro da Russia.



Na cabeça arranjára tal messe
De perfumes, tão grande montanha,
Que ao tirar o chapéu nos parece
Destapar-se um caixote de banha!



De boquilha na bocca... sem erro
D'este mundo a maior das boquilhas...
—Quando á tarde passeia ao Aterro,
Presta lume a quem passa em Cacilhas!



Vae um lord, um janota; em resumo,
E' conquista... — p'la pressa se vê...
D'uma casa — olhem lá... — toma o rumo,
Entra lesto no *rez-de-chaussée*...



A' gravata elle faz breve arranjo,
Da pocira os sapatos assopra...
Cae nos braços, enfim, do seu anjo
— Que é também bailarina da op'ra...



Elle falla-lhe em 'stillo pindarico:
— Siato o peito que não se accomoda,
A ferver, a ferver, qual tartarico
Junto a bi-carbonato de soda...

E ella, a Concha, d'amor dando mostra,
Abre um riso, nos labios, arisco,
— Como a concha da ameijoa e da ostra
Se entreabre, mostrando o marisco...



Os minutos deslisam ligeiros,
Sem se ouvir um ruido, uma falla...
N'isto, meche um dos trez reposteiros
E a criada entra á pressa na sala...

O Sarmento, forçado a acalmar-se,
Vae d'um pulo, por pejo e decóro,
P'ra o piano cantar em disfarce
«Não te esqueças de mim, que te adoro!»



Branca, branca de jaspe, a criada,
Diz assim, de pavór meia morta:
— O *patrão* está na porta da escada
Quer por força que *a gente*, abra a porta...

— Oh! meu Deus! diz Sarmento masombo;
Se me agarra, que tunda eu apanho!
E vae leve, qual penna de pombo,
Esconder-se no quarto de banho.

Mas, temendo do outro a visita,
E de cara não qu'rendo que o colha,
Levantou a cortina de chita,
Encaixou-se na tina de folha...



Mas a tina—que horror!—'stava cheia!
E Sarmento, em medónhas caretas,
Tiritando levou hora e meia,
Té que o outro passou as palhetas...

E ao sair d'esse banho, coitado,
— Um supplicio cruel, um horror!—
'stava o triste tão frio, engelhado,
Que não teve mais calma de amor!...

PAN-TARANTULA



A DISCUSSÃO NA CAMARA ALTA



O DEFENSOR DA MONARCHIA

O DEFENSOR DA REPUBLICA